



O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.



Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excedera de 23000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 24 de Abril de 1869.

Numero 18



O AMIGO DO POVO.

Theresina 23 de Abril de 1869.

Imperio das aranhas e das moscas.

Ha uma *têa* enorme que nos enreda desastradamente desde o Amasonas até o Prata: a isto chama-se politicamente—governo monarchico representativo!

Uma pleiade de pequenas e mediocres *aranhas* fazem magnificas evoluções em cada um dos 20 circulos concentricos em que se divide a grande *têa* administrativa e policial: a estes taes chama-se vulgarmente—presidentes de provincia, chefes de policia, delegados & &.

No centro da *têa*, n'um 21.º circulo denominada « Municipio Neutro »—existe, cercada de outras sete um pouco menores, a guisa de ministros, uma enorme *aranha real*, senhora absoluta de quantas *bambinelas legislativas* por ali se ostentam—aos seus lustrosos dominios—afim de em qualquer parte servirem para melhormente enredar-se todas essas pobres *moscas* que sendo umas tontas deixão-se facilmente cahir no laço; apesar mesmo das suas *azas* com feitio de abas de fardas, mais ou menos bonitas, como as que servem para a *guarda nacional* do Brazil!

A *aranha real*, cercada de seus ministros, tendo a um lado a sua respeitabilissima companheira, as suas interessantes filhas, os seus circunspectos genros, os seus innocentes netos, que gastão inutilmente o tempo em chupar *sangue* de moscas, consumindo disso—muito maior quantidade que o resto das *aranhas* que por toda a parte do imperio se occupão—a bem do serviço publico—em dançar sobre as cordas bambas da engenhosa *têa*, com a habilidade dos melhores acrobatas ou funambulos que sabem fazer verdadeiras maravilhas nos dias dos espectaculos mais solemnes—denominados *eleições*!

Lá está—no centro da *sérica hypocrisia*—a *aranha coroadada*! Vêde-a: industriosa como o mais laborioso bicho de seda,—perspicaz que nem um lynce, ou vigilante que nem um gallo madrugador: *sabia*, finalmente, como a abelha mestra do melhor e mais bem provido cortiço! . . .

Os *arachnides* (comprehende toda a sorte de *aranhas*) habituarão-se a chamar *aqarchistas* ás *moscas*

mais espertas, que em todo o tempo procurão evitar os *ataques de flanco* dos agentes do *Arachneido Magno*: agentes que na occasião de armarem a cilada denominão-se « *Ordeiros* » servindo-se deste nome-solemne, como outros se servem de opas nas procições aparatosas!

Em quanto houver dessas *aranhas* tecedeiras, espertas como um coelhinho,—as *moscas* hão de ficar enredadas aqui, alli, mais além!

Umás se deixarão pilhar por serem *hasbaques*; outras por causa de um certo *cheiro de mel* (!) que farejarão junto das *aranhas* mestras, propectas em armar o laço!

Pobre paiz, coberto de *têa de aranha*! Ficarás esteril de todo, e completamente improductivo,—se continuares a jazer nesse miseravel estado que denota o menos preço com que tens sido tratado por aquelles mesmos que devêrão promover a tua prosperidade!

¿ E quando haverá—sobre teus louros—intelligente zumbido de fulvas abelhas, de colonos laboriosos, que busquem fabricar seu proprio mel?

¿ Quando cessará o estúpido zum-zum desse *mosqueiro* igaobil que se deixa atrahir por uma po-dridão qualquer, apenas confeitada com um resaiibo de mel. . . . de mel fabricado sabe Deos como? . . .

Quando finalmente deixaremos de ser um *imperio de aranhas e de moscas*?

Responda o povo, com as armas nas mãos, quando razões forem escusadas!

E' de franzir o sobr'olho

Se Pedro II, o mais *sabio monarcha do mundo*, tiver de ler a « *Correspondencia de Portugal* » (thuriferaria dos testas coroadas) não ficará muito satisfeito vendo que alli, em o numero 171 do 1.º de março ultimo, um *beldroegas* de Montpensier (que está de prêsas afiadas para roer a Hespanha) é considerado como um principe liberal e illustrado, como não haverá muitos.

A « *Correspondencia de Portugal* » se tivesse de fallar successivamente de 50 ou 100 bipedes de sangue real—iria sempre entoando aquella *jaculatoria* em honra do idolo que deve-se ser comemorado por sua vez!

Biblioteca Nacional
S.L.R.
Rio de Janeiro
1869

E' de crer que em o n.º 172 daquelle jornal—venha a proposito fallar-se do rei Bibiano, neto de João Poltrão. . . . com louvôr já se sabe.

Servirá isso de consolo *ao mais sabio monarcha do mundo*: lembrando-se todavia de que um dia haverá também typographias no centro da Africa e então os reis « selvagens » também terão as suas *jaculatorias* em letra redonda.

Lá n'essa epocha, é de crêr que a *praga* tenha desaparecido da Europa e do Brasil.

Collaboração.

Oração Democratica.

Salve, Liberdade, cheia de força; o povo está contigo: hemdito é o teu fructo, a egualdade!

És mãe do direito,—compadece-te de nós! resgata-nos!

Onve, attende e acolhe as nossas rogativas, as nossas orações e as nossas supplicas!

Asylo do desterrado, alegria do captivo, patrimonio do pobre, familia do paria, esperança do afflicto, força do fraco, fê do moribundo,—immortalidade do morto—dá-nos a tua graça!

O direito, o dever, a coragem, a força e a honra—anima e alenta aos que combatem em prol da Liberdade; aos que erguem-se contra os devoradores de homens,—reis e principes—que tem por iguarias os povos, que distribuem entre si, e as nações que trinchão!

Liberdade, virgem de valor! livra-nos dos reis, dos aristocratas, dos soldados, dos juizes instrumentos da vontade de um só, das alianças, das excellencias, dos espiões, do orçamento, do senado, da guerra, da fome, da peste, e do *imperio*—tudo obra do imperador, que dirige a todos e a tudo como quer!

Liberdade, virgem de valor, surpreende a toda essa raça de *sanguie nobre*, arranca-lhes a presa, e acaba-lhes o appetite!

Esmaga esses vermes que roem ao mundo como se já estivera morto!

Transcripção.

São tão bons uns como outros.

Liberaes ou conservadores são, na opinião de um grande numero de brasileiros e de estrangeiros, « tão bons uns como outros. »

Este dito revela falta de confiança na sinceridade e nos esforços daquelles que até hoje têm seguido a *carreira* politica.

Bem triste é na verdade ouvir semelhante condemnação, indiscriminadamente, dos nossos homens publicos.

Essa condemnação é inflingida até pelos nossos vizinhos.

Quer no interior, quer no exterior grassa a crença que no Brasil não ha homens politicos sinceros e patrioticos.

A consequencia é—grande desprezo para com os nossos politicos.

No termo *politicos* a opinião publica inclue os que se interessam pelo bem estar geral e os estadistas.

Distincções technicas não são do paladar do povo. Liberaes e conservadores apparecem alternada ou conjunctamente em scena, sem a minima utilidade para o povo: são, portanto, no pensar do povo, tão bons uns como outros.

Os resultados justificam o dito popular, quanto á esterilidade dos nossos governos.

Mas donde vem essa esterilidade?

Será da inepecia ou da falta de patriotismo dos nossos estadistas?

Se não ha estadistas é excusado fallar de sua inepecia ou falta de patriotismo.

Entre liberaes e conservadores é certo, porém, que tem havido homens doutos e patriotas que envidaram todos os seus esforços para bem servir a patria—mas debalde.

Porque?

Por uma razão simples. E' porque ha na constituição tropêços reaes com que todos têm transigido.

Em quanto não for reformada radicalmente a constituição subsistirão, portanto, os tropêços, que têm inutilisado todos os esforços beneficos dos ministros.

Desses tropêços o mais serio é o poder moderador desastradamente exercido, não só em occasiões supremas, mas em todas as questiuiculas, como nomeações de carcereiros de aldeas até de Matto-Grosso, com o ordenado annual de 805. etc.

Um desacordo sobre questões dessa altura é sufficiente para dissolver ministerios!

Então porque aceitam pastas?

Pela mesma razão que os ministros do Grão Turco, de Lopez, etc., assentam-se nas cadeiras ministeriaes; muitos por interesse, alguns por ambição e um ou outro por abnegação.

O poder moderador pôde-se comparar acertadamente com uma dona de casa opulenta, desconfiadissima e excessivamente inquieta, que, esquecida de seus deveres de salão, afadiga-se dia e noite em subir e descer as escadas do serviço interno, e atropellar os criados com a sua constante e impertinente intervenção, ora levantando as tampas de cassarolas e vasos de porcellana para saber do seu conteúdo, procedencia e destino, ora ralhando a torto e a direito, despedindo uns e recebendo novos servos, para ter o summo prazer de apoquental-os e esterilisar o tempo em ninharias.

Cada um pôde imaginar a consequente confusão em semelhante casa e quão injusto seria accusar os antigos ou novos criados pela desordem do serviço

interno e externo, dizendo-se que são tão bons mas como outros.

Outro tanto acontece ao governo deste vasto e apouquentado imperio.

Até quando? . .

Até quando o povo quizer.

(Opinião Liberal.)

Correspondencias.

Piracuruca, 30 de março de 1869.

Sr. redactor.—Animado pela resposta que deu-me no numero 15 do seu jornal—continuari a noticiar-lhe as occurencias que se forem dando neste livah.

Conforme haviamos previsto aqui, foi removido e já se acha funcionando em sua nova cadeira, o Sr. professor Leonadio José Pinheiro.

Com quanto seja o Burity dos Lopes, um povoado mais insignificante do que este, todavia persuadome que o Sr. Pinheiro, se dará melhor alli: ao menos respirará um ambiente mais puro, e desenflectado do incenso putrido da bajulação, que nesta villa, constitue o principal genero de primeira necessidade.

São epidemicos os miasmas que dimanão dos thuribulos da lisonja, e é por isso que a bajulação sempre será molestia endemica deste lugar. Quem aqui chega, venha embora possuido dos melhores sentimentos, é inevitavelmente affectado do mal, e então a medecina da consciencia e dignidade, se torna impotente perante os rapidos e terriveis effeitos dessa molestia.

Talvez hajão exceções.

Temos uma novidade.

Reina a discordia nos arraiaes inimigos!

É briga de turco com turco!

De duas, uma se segue; ou elles se accommodão, ou se incommodão.

Não forão os gregos que atearão o facho.

O caso é este:

O juiz de paz Trindade, *arreganha* os dentes ao juiz de paz Mathias.

O collecter provincial Trindade, não está lá muito satisfeito com o Dr. Coelho de Resende.

O collecter geral Trindade tem desgostado ao capitão Benicio.

O subdelegado Trindade, não se esquece *de meter as botas* nos pobres gregos!

Este Trindade é das arabias!!

Deve por força celebrar-se, embora para isso seja preciso incendiar o templo da Concordia, assim como Erosirato incendiou o de Diana em Epheso!

Não queremos desavenças com o encyclopedico Trindade—porem, isso aqui para obter-se um papel sellado dá-se—*cuadas*—pelo collecter.

Porem isso são bagatellas.

Não merece apenas discutir-se. Alem disso, o Sr. alferes Trindade—ao menos de vista e na apparencia me tracta bem.

Adeos Sr. Redactor, nada mais lhe digo por hora, alguma cousa mais que quizer saber leia a *Imprensa* pois consta-me que o sentinella, deu o grito de alerta.

Seo constante e fiel companheiro.

O grego velho.

A actual policia de Oeiras.

Despotismo.—Hontem teve lugar a procissão do —Enterro do Senhor.—Antes de sua sahida apresentou-se o delegado de policia, major Ludgero de Moraes Rego, prohibindo que a musica contratada pelo procurador da confraria do SS. Sacramento, capitão Francisco de Loyola Mendes Vieira, tocasse na referida procissão, porque dizia o tal delegado—só devia tocar uma musica de sua propriedade que elle intitulava da guarda nacional, e mandou retirar a outra da porta do Templo, declarando que era autoridade policial, e que ali mandava e não o procurador da confraria. E como o director da musica contratada demorasse em cumprir aquella ordem bruta e descommedida, expondo as suas razões, offereceu-se logo o tenente—Curicaca—(Britto), com a força que commandava para expelli-la.

Graças a Deos! Já o Sr. Ludgero manda retirar musica contratada para uma procissão. E em que dia! Já os meninos *brancos* do areal são autoridades. Que tinha o Sr. Ludgero? Seria a lembrança de ter hido ao Maranhão d'onde voltou coberto de louros e de gloria por ter passado em toda a viagem como espoleta do Barão do Estreito, ou seria por que estava nessa occasião de casaca?!

Muitas pessoas de consideração censurarão a extemporanea ordem do delegado Rego, que tornou-se furioso, e somente apedido dos *illustrados personagens* capitão Benedicto Britto e Jeremias, tercetos daquelle autoridade em impostura, foi que teve a complacencia de consentir que a musica contractada tocasse atraz da do delegalo, indo aquella augusturada autoridade collocada entre ambas.

Tudo se ha de ver nos *vermelhos* desta epocha.—Não sei como o delegado consentiu tocar-se alleluia pelas casas.—Foi um grande milagre, ou a madrugada de hoje renovou-lhe as ideas?

O Centurião.

Oeiras, 27 de março de 1869.

PARTE NOTICIOSA.

Um potentado.—Vaes-con-sella, ex « de Putado » de *Piouhi*, senhor *par droit de conquête* do creoulo Benedicto é da fazenda da Lapa, poderoso sandjak de Mara-Vão, rival dos Cala-ment Hymnos, Fontinellis, Ignace Manelles e Borrêgo modesto, —velho estúpido e quasi analphabeto—que se intitula —Supriõ—acaba de enviar preso para esta cidade a uma innocente victima da sua cobiça e dos seus odios!

Eis as palavras com que o velho Porca, roncador que é obedecido 40 legoas em redor,—despedio o pobre Cassiano com um par de algemas nos pulsos:

«Queru te amostrá, negro, para quanto eu prestu: quero vê se tu agora dece ou não para u Paraguá! Tu voltô *siturdia*, cum baxa; mais porém, foi prucê o Simplício me enganô: agora tu não tem quem te acuda. . . . Eu mando dizê ao Simplício que veja lê o qui faz cu migo, que não dimito disculpa, nem estô p'ra caçada. . . .»

Semilhante algarávia (afiançamos que houve) foi com effeito reduzida a uma carta de recommendação dirigida ao *Urso branco* que aqui se acha, sempre de alcateia, no seu palacio de gelo—para flagello da humanidade afflicta.

Cassiano chegou ha poucos dias em Theresopolis, e já está irremissivelmente perdido; apesar da baixa que em 22 de dezembro do anno passado lhe mandou dar o Sr. Dr. Gomes de Castro, que então governava o pachalato!

Um «cumandante supriô» quer por força, que um pobre homem vá morrer no Paraguay—e a sua vontade será feita: morrerá, e lançarão a victima na conta corrente que abrirão com o diabo para ser paga pelo *fugitivo* Lopes, que talvez reclame no outro mundo, aonde a justiça *fia-se mais fina!* Então os verdadeiros assassinos serão citados por Belzebú, que se satisfará com qual quer cousa: um jogo de velhos immoraes—um roncador e outro de suissas grisalhas.

Mais victimas.—De Marvão vierão, alem de Cassiano Bispo,—Francisco Xavier de Oliveira, Pedro Francisco do Nascimento e João Antonio de Oliveira. A este ultimo houve quem propozesse soltura a troco da sua pequena plantação de cannas: a victima repellio indignada—tão asqueroso commercio!

Viva o imperador do Brazil, viva! dizem os amigos da corrupção.

Aguerra *acabou-se*, mas os *designados* (feliz neologismo que o dictionario dos tyrannos reproduzirá sempre!) irão aos quatro,—aos dez—aos cem—aos mil—que é para amañçar os «*atrevidos*» que não querem trabalhar para os *donos da terra*.

O povo deve temer menos o Lopes paraguayano do que o Lopes brasileiro, com todos os seus Lopezinhos—que são em grande numero e se achão a cada canto.

Somento uma revolução poderá salvar esta desgraçada terra!

Oxalá que em breve o paiz possa bradar unisono: «*Abaixo a corôa detestavel de Pedro segundo!*»

Briga de papa mel.—Peixote mirim levou de vencida a Peixote assú, em uma lucta que trávarão junto de um *Carvalho*, por causa de um pouco de *Mel*.—Logo que Peixote assú não teve mais *derrubadas* a fazer, no que se mostrára destemido; foi elle despresado pela bicharia a quem servira com as suas artes.

Na briga, as raposas dêrão razão e ajudarão ao Peixote mirim!!!

Pede-se aos caçadores que decifrem a charada.

Diz o José Felix que Peixote mirim teve um pa-

drinho e duas madrinhas, ao receber o nome de *papa mel vencedor*.

José Felix é homem que quando diz *pão* é por que é *pão* e não queijo.

Abreu e Lima.—A 9 do mez passado falleceu, em Pernambuco o muito illustre general J. L. de Abreu e Lima, companheiro d'armas do grande libertador da America hespanhola do sul—o immortal Bolivar.

Abreu e Lima era talvez o maior sabio do Brasil e por isso Pedro II tinha seus ciuimes d'elle. . . . bem como um tal padre Pinto de Campos que se affirma ser um ex-handido de Pajehu de Flores. . . .

Para gloria e satisfação de Pedro Segundo & Pinto de Campos o Sr. bispo de Pernambuco negou sepultura aos restos mortaes do general!!!

Insecto endiabrado—Chegou aqui uma pequena muriçoca, perni-longa que por debilitada mal fazia o seu *zim-zim* para ser ouvido por quem tivesse boas ouças; agora canta como um gallo no poleiro; tem hoje tanta *carne* que botada n'um caldeirão—sustentaria uma tropa de meninos esfomeados.

Ates de ficar assim *opulenta*, a muriçoca—não daria que comer a uma formiga. . . . As suas azas sombrêo hoje um estabelecimento publico; fazendo *eclipse* a um *astro* que tomou para o seu accaso—quasi apedrejado por Abyssinios.

Tem tanto vigor as azas da muriçoca de que tratamos—que passa por certo que tendo cahido n'um tonel de *oleo de fujado de bacalhão* sahio d'elle mui lampeiramente—espanejando-se—e cantando um hymno de triumpho.

Salve-se quem poder!—O *Urso branco* sahio do seu antro e passou-se para o *palacio* de gelo que ali se vê junto da columna de saraiva.

• O Urso branco!!! Valha-nos Deos, valha-nos Deos! •

—O *Urso branco*, é verdade, subio agora para o *palacio* e não ha forças humanas que o domem!

• Dizem que nem mesmo o velho Plutão será capaz de amañçar um demonio tão feroz! . . .

—Irta! que tem *puta* (pacto) com 300:000 diabos—desde o dia de S. Bartholomeu do anno passado. . . .

—Isto, infelizmente, é verdade!

Riqueza de Ignace Manelles—O poderoso sandjak de Oeiras continua a ser o mimoso da fortuna! Consta-nos q' ultimamente avalia-se q' elle possui: 4:001 diamantes do tamanho de ovos de gallinhas, 10:000 rubis, 20:000 esmeraldas, 50:000 turquezas; 100:000 saphiras e 365:000 pérolas maiores do que pitombas! Consta-nos mais que elle possui 4:001 alqueires de ouro em pó, 70:000 barras de ouro de 22 quilates, 250:000 barras de prata de muito bom toque e tão grandes que nem ripas, de 4 dedos de face e dois de grossura! O dinheiro é guardado em 12 paíoes; donde é tirado como milho em feitorias de 1.ª ordem!!

Isto é que é • riqueza •—o mais é historia.

Piracurua.—Consta-nos que vai ser publicada uma epopeia intitulada *Fonteneleida*—na qual são cantadas as altas façanhas do sandjak d'aquelle livah.

Informão-nos que entre outros versos alli se lê esta quadra de incontestavel belleza:

• Os remorsos lhe perguntão:

—Fontenelli o que fazeis? . . .

—Faço tudo, e tenho apoio

Do doutor engole leis! •

Aviso.—Finda-se com este numero o 3.º trimestre ou 3.ª serie de 6 numeros cada uma; roga-se por tanto aquelles de nossos assignantes que se descuidarão em nos prestar o auxilio monetario que se dignem de o fazer nesta occasião; principalmente os que por ventura se acharem mais atrasados do que os do 3.º trimestre, que só agora é que acalã de vencer-se.

Os pobres que não podem contribuir para a empreza,—continúão, como até agora, a receber na typographia este periodico, sem pagarem cousa alguma.

Só com ordem expressa suspenderemos a remessa do nosso periodico aquelles que se achão inscriptos como assignantes; por quanto, temos confiança illimitada em todos a quem uma vez nos dirigindo tiverão a delicadeza de não devolver-nos o periodico.

Aos cavalheiros que nos receberão com generosidade, e a quem principalmente devemos a sustentação desta humilde empreza, confessamo-nos summamente gratos.

Pedimos desculpa pela irregularidade que houve na publicação, neste trimestre.

Theresina.—Impresso na Typ. da IMPRENSA, rua Barroso n.º